

Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende, entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.

José Ferrão Afonso

Resumo

O estudo das Misericórdias é essencial para a história da arte portuguesa da Idade Moderna. Com base na investigação efectuada no arquivo da Misericórdia de Esposende, uma vila na foz do rio Cávado fundada em 1572 e voltada para a actividade marítima, registaram-se, entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII, os principais momentos de produção artística na igreja da confraria.

Palavras-chave:

Igreja Misericórdia Esposende, arte século XVI ao século XVIII

Contributions to the Knowledge of cultural heritage from (North of Portugal) the Esposende Misericórdia Church between the late 16th to 18th centuries

Abstract

The study of "Misericórdias" is essential to the history of Portuguese Early Modern Art. Based on research undertaken in the archives of the Misericórdia of Esposende, a small town at the mouth of the river Cávado, established in 1572 and focused on maritime activity, we have registered the key moments of artistic production in the church of the brotherhood, between the late sixteenth and late eighteenth century.

Keywords:

Misericórdia of Esposende Church, art sixteenth to eighteenth centuries

Contributos para el conocimiento del patrimonio artístico de la Iglesia de la Misericórdia de Esposende (Norte de Portugal) desde finales del siglo XVI hasta el siglo XVIII

Resumen

El estudio de las "Misericórdias" es esencial para la historia del arte portugués de la época moderna. Basado en la investigación realizada en los archivos de la Iglesia de la Misericórdia de Esposende, un pueblo fundado en 1572 en la desembocadura del río Cávado que se centró en la actividad marítima, se registraron los momentos clave de la producción artística en la iglesia de la hermandad entre finales de siglo XVI y finales del siglo XVIII.

Palavras-chave:

Iglesia Misericórdia Esposende, arte siglo XVI hasta al siglo XVIII

Introdução

O lugar de Esposende, na margem norte da foz do Cávado, pertenceu à freguesia de Marinhãs do termo de Barcelos e teve, devido à actividade marítima, um grande surto de desenvolvimento a partir do século XV. Em resultado dessa prosperidade, o arcebispo de Braga D. Jorge da Costa concedeu aos seus moradores, em 5 de Julho de 1492, autorização para dizer missa na ermida, dedicada a Santa Maria da Graça, que eles tinham construído (SOARES, 2007: 74). Em 1525, Esposende torna-se, na prática, uma paróquia, ou freguesia, filial da matriz de Marinhãs (SOARES, 2007: 78); João de Barros chama-lhe vila já em 1548 (BARROS, 1919: 47) e, entre 1552 e 1559, os visitantes do Arcebispo ordenaram a construção de uma igreja de três naves (SOARES, 2007:85). A progressiva autonomia eclesiástica do povoado viria a culminar na visita, em 1581, de Frei Bartolomeu dos Mártires, na sequência da criação, em 1566, e logo após a conclusão do concílio de Trento, de uma vigararia em Esposende (COSTA, 2009:30)¹.

Na sequência desse progresso, o município de Esposende viria a ser fundado, em 19 de Agosto de 1572, por D. Sebastião. A fundação ocorreu em resposta a uma petição enviada ao monarca e firmada por 370 vizinhos, pilotos e homens do mar, onde se afirmava que no porto do lugar se registavam “setenta para oitenta navios grandes” (COSTA, 2009: 27); a construção da Misericórdia seria autorizada por alvará régio de 15 de Julho de 1579 e teve, também, na sua origem uma petição dirigida à Coroa, desta vez pela vereação camarária (COSTA, 2009:16,29).

Os primeiros tempos

Como era prática usual, é possível que a Misericórdia, antes de possuir edifício próprio, tenha sido instituída numa capela ou na igreja matriz preexistente (SÁ, 2002:34). Desconhecem-se quaisquer fontes documentais que permitam ajuizar dessa hipotética fundação; certo é que em Julho de 1589, uma década após o alvará henriquino, o provedor e irmãos afirmam que construíram uma igreja, em que se podia dizer missa, cujo orago era Santa Isabel (Costa, 2009:34). Em 2 de Julho de 1598, dia da Visitação, os confrades escreveram o seu compromisso, baseado, como o da maior parte dos seus congéneres, no da Misericórdia de Lisboa (COSTA, 2009:46). Desde a fundação verificou-se igualmente, como noutras Misericórdias, uma coincidência entre a elite local, que se fazia representar na vereação camarária e a que deliberava nas reuniões capitulares da confraria (COSTA, 2009: 50-54) (fig.1).

¹ Sobre a visita e a criação da vigararia, ver também a obra de Franquelim Neiva Soares (SOARES, 1979).

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso



Fig. 1: A igreja da Misericórdia de Esposende e a Praça do Município (fotografia do autor)

A bandeira misericordiana foi contratada em 1596, pelo então provedor, o vigário Manuel da Costa, e os restantes irmãos, ao pintor bracarense Francisco Soares, sendo entregue no ano seguinte². Francisco Soares foi, segundo Vítor Serrão “pintor bracarense da modalidade de óleo, têmpera e brutesco”, que exerceu a sua actividade em Braga, Orense e Pontevedra entre 1586 e 1595, tendo sido o mais conceituado dos pintores oriundos do círculo bracarense. Pintou para a igreja da Trindade de Orense (1586), para a catedral de Santiago de Compostela (1587) e para a igreja da Misericórdia de Braga, onde, em 1590, decorou o subcoro “com motivos de ornato ao romano de brutesco” (SERRÃO, 1998:293). No mesmo ano, ordenou-se a construção de uma cobertura de madeira sobre o altar-mor: “...Se mādou forrar o tecto de sima do altar grande ate o primeiro tirante do altar...” tarefa de que se encarregou o carpinteiro Francisco Enes, de S. Julião do Calendário³.

A sacristia do lado do Evangelho teve luz verde em 8 de Fevereiro de 1598; a casa do cabido anexa, contudo, só seria iniciada em 1609, embora a sua edificação estivesse já prevista anteriormente (COSTA, 2009:82). Entretanto, em 4 de Março de 1601 o imaginário Baltasar

² Arquivo Histórico da Misericórdia de Esposende, nº 121. *Livro do recibo e outros apontamentos em 1633 até 1637*, fl. 51 vº. Ver doc. 1.

³ AHME, nº 121. *Livro do recibo e outros apontamentos em 1633 até 1637*, fl. 52 vº.

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

Moreira, da vila de Viana, encarregara-se da construção do retábulo-mor⁴. A 17 de Novembro de 1602, Baltasar Moreira tinha concluído o seu trabalho e os irmãos decidem chamar um oficial para o pintar⁵. O nome do oficial não é indicado, mas em Abril de 1603 a pintura do retábulo não estava ainda adjudicada⁶. Após esta data, não são feitas mais referências à pintura do retábulo-mor, nem é nomeado o artista que a terá levado a cabo. A obra deveria estar concluída em 1608, quando se ordenou a construção de “grades pera o corpo da jgreia da Mizericordia porquanto erão necessarias por respeito do altar mor”⁷. Nesse ano, as actas referem o nome de um pintor, Francisco Leitão, residente em Braga, mas a respeito do fornecimento dos panos para serem utilizados na quadra da Quaresma⁸. O mesmo pintor foi miraculado, de uma paralisia que o afectava, depois de ter pintado, em 1610, a imagem de vulto de Santo Inácio existente no Colégio de S. Paulo⁹. É possível que fosse ele o responsável pelo retábulo da Misericórdia já que, no mesmo ano, pintou o da vizinha igreja Matriz (SERRÃO, 1998:160).

Em 1613 iniciou-se a obra do forro da igreja, a cargo do mestre carpinteiro Francisco Gonçalves. No acórdão relativo a ela menciona-se o altar da “Senhora”, ou seja o altar-mor com a Senhora da Misericórdia; como vimos, o tecto sobre ele tinha sido forrado em 1596 e essa cobertura seria em 1613 reutilizada no coro¹⁰. Pode-se, por conseguinte, deduzir da existência inicial de uma igreja com pequenas dimensões e do tipo “caixa”, com capela-mor¹¹ e corpo rectangulares: na nave, porém, existiu uma capela lateral do lado do Evangelho, a do “Cristo”. A essa capela se destinou a imagem de Crucificado, referida em acórdão de 10 de Janeiro de 1599, para a qual Gaspar Dias tinha feito uma doação de dez mil réis (COSTA, 1988:59)¹².

A Capela dos Mareantes

A informação relativa à capela do Santo Cristo, ou dos Mareantes (fig.2), é escassa e contraditória. O padre Baptista de Sousa refere que ela é anterior à igreja, tendo sido

⁴ AHME, nº 155, *Livro dos Acordaons e Eleiçoens a abertura foi no anno de 1597*, s. n. fl. Ver doc. 2. Em 17 de Maio do mesmo ano, a Misericórdia decide a venda de um terreno e de uma pensão de um alqueire de pão meado para pagamento das despesas com o retábulo (Idem, s. n. fl.). Em 14 de Junho de 1601, como não houvesse quem comprasse as terras, a mesa decide a venda de outros itens (Idem, s. n. fl.). M.M da Silva COSTA, refere a construção do retábulo-mor, mas sem indicação da data e do seu autor (COSTA, 2009:86).

⁵ AHME, nº 155, *Livro dos Acordaons e Eleiçoens...*, s. n. fl. O dinheiro para a pintura seria proveniente, na sua maior parte, do legado de doze mil réis que Cristóvão de Reboredo deixara de esmola à Santa Casa.

⁶ Em reunião do cabido ocorrida nessa data, afirma-se: “os quais forão presentes a dita casa para darem o retabolo a pyntar e fazer outras cousas...” (AHME, nº 155, *Livro dos Accordaons e Eleiçoens...*, s. n. fl.). A 16 e 24 de Fevereiro do mesmo ano, o tema tinha já sido tratado em mesa (Idem, ibidem.).

⁷ AHME, nº 155 *Livro dos Acordaons e Eleiçoens...*, 1608, Abril 13, s. n. fl. Estas grades, bem como o lajeamento da igreja, estariam concluídos no ano seguinte, quando, por não haver verba disponível, a mesa decide a “venda do milho da caixa da sacristia” para o seu pagamento (Idem, 1609, Fevereiro 22, fls. 39v^o- 40).

⁸ AHME, nº 155 *Livro dos Acordaons e Eleiçoens...*, 1608, Abril 27, s. n. fl.

⁹ Arquivo da Universidade de Coimbra, Estante 21, Tab 2, nº 1, *Colégio de S. Paulo de Braga (...) séc. XVI-XVIII*, s. n. fl.

¹⁰ AHME, nº 155, *Livro dos Acordaons e Eleiçoens...*, 1613, Março 17, fl. 61v^o. Ver doc. 3. A obra do forro é referida por M.M. da Silva Costa (COSTA, 2009: 87).

¹¹ Esta é expressamente referida em 1624: “....por elle foi ditto que seu sogro Bertolameu Gonçalvez jrmão desta caza queria hũ jaziguo das grades abaixo defronte da porta das grades da capela mor diguo mais pera nasente peguado a Baltezar Dias...” (AHME, nº 155, *Livro dos Acordons e Eleiçoens...*, 1624, Abril 18, fl. 118v^o).

¹² AHME, nº 155, *Livro dos Acordaons e Eleiçoens 1597-1676*, s.n. fl. Ver doc.4.

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

instituída na primeira década de Quinhentos (SOUSA, 1985:215). Teotónio da Fonseca afirma-o igualmente, adiantando que foi reedificada em 1650 (FONSECA, 1936:270). Não partilhamos dessa opinião, pois tudo aponta - quer a documentação, quer o construído - para que a igreja e a capela sejam contemporâneas.



Fig. 2: A Capela dos Mareantes (fotografia de Sofia Martins)

A capela designou-se também do Santo Cristo, do Bom Jesus da Praça, do Senhor dos Mareantes ou dos Navegantes (COSTA, 1988:57). A imagem do Cristo (fig. 3) foi contratada pelo provedor, padre Jerónimo Dias, no seguimento do acórdão referido em cima e no mesmo ano, ao imaginário portuense João da Fonseca, morador na rua dos Canos¹³. Este oficial, que foi cidadão do Porto e desempenhou o cargo de tesoureiro na edilidade desta cidade, está referenciado entre 1586 e 1637; a sua actividade artística é, contudo, quase desconhecida¹⁴. Assim, concluiu a 30 de Maio de 1593 umas grades para a igreja da

¹³ AHME, nº 121, *Livro do recibo e outros apontamentos em 1633 até 1637*, fls. 49-49vº. Ver doc. 5.

¹⁴ João da Fonseca é filho do mestre de carpintaria António Ferreira, casado com Maria da Fonseca, que morou na rua Nova de S. Bento no Porto. Em 1586, assina como testemunha no arrendamento de uma casa na rua dos Canos, sendo indicado já como morador na mesma rua e exercendo a profissão de carpinteiro (CASTRO, 2000:335-336). Em 1597, um outro documento notarial assinala-o já como imaginário, dando-o como proprietário de uma casa na rua Nova de S. Bento (Arquivo Distrital do Porto, *Fundo Notarial*, Po1, 3ª série, Livro, Livro 111, 1597, Fevereiro 8, fls. 195-198). Foi um dos mestres que tiveram a seu cargo a obra de carpintaria da nova Relação, iniciada em Outubro de 1607, juntamente com Baltasar Gonçalves o Fidalgo, Paulo Fernandes, Pero António, Gonçalo Martins, Amador de Figueiredo e Francisco Moreira (SILVA, 1988: vol. 1, p. 923). Marília Castro refere o nome de sua mulher, Maria Rodrigues, que outorgará esse contrato (CASTRO, 2000: 42). O imaginário João da Fonseca foi tesoureiro

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

Misericórdia do Porto, tendo nessa data recebido um pagamento de dois mil réis (BRANDÃO, 1984:112-113, 160). Segundo Magalhães Basto, foi ainda contratado em Junho de 1594 para execução da obra dos Evangelistas “de vulto, com suas insígnias”, pelo preço de 44.000 réis. O primeiro Evangelista que esculpiu, porém, não agradou à Misericórdia, que pediu ao escultor a restituição de 10.000 réis que lhe avançara. Como o artista recusasse, a Misericórdia pôs a questão em juízo, tendo obtido sentença favorável no ano de 1600. Nessa data, a obra já tinha sido entregue, por contrato firmado em 29 de Setembro de 1597, ao escultor lisboeta Gonçalo Rodrigues (BASTO, 1999: 152-153).



Fig. 3: O Cristo da Capela dos Mareantes.

municipal em 1613 (SILVA, 1988: vol.1 509, 511). Um João da Fonseca foi ainda, em 1614, superintendente das obras de ampliação do cais da Ribeira (SILVA, 1988: vol. II, 630). Segundo Magalhães Basto, faleceu a 20 de Setembro de 1637, sendo enterrado em São Bento das Freiras (BASTO, [s. d.]: 315).

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

João da Fonseca integrava a activa comunidade de oficiais – pintores, pedreiros, imaginários, ensambladores - que habitavam no Porto, junto do mosteiro de S. Bento da Ave-Maria e do convento de Santo Elói, na rua dos Canos e na vizinha rua Nova de S. Bento, na segunda metade do século XVI. Sendo oriundos da cidade, ou a ela tendo ocorrido, participariam no surto construtivo e de renovação da escultura, pintura, retabulística e mobiliário eclesiástico, ocorrida após o Concílio de Trento e a sequente “cristianização” urbana. Um Francisco Correia assina como testemunha do contrato firmado no Porto para a execução da imagem do Cristo; ele pode ser o importante pintor do Maneirismo “reformado” portuense que, como João da Fonseca, participou na obra da capela-mor da Misericórdia, tendo pintado com o lisboeta Salvador Mendes as estátuas dos Evangelistas de Gonçalo Rodrigues (BASTO, 1999: 155-156). Um outro pintor portuense, Pedro Oliveira, encarregou-se da pintura da imagem, como consta do rol das despesas relativo à sua execução e posterior transporte do Porto até Esposende¹⁵.

Após a colocação da imagem na capela, as actas da Misericórdia só nos voltam a dar notícias sobre esta em 1614, quando se refere a sua pintura, provavelmente a cargo de um artista de Braga, pois foi então enviado um emissário a essa cidade¹⁶; no ano seguinte, um frontal novo foi colocado no altar¹⁷. Cinco anos depois, em 1620, foi acordado “...que se altehase a casa da jgreja da Santa Misericordia he a capela do Christo ...”¹⁸. Esta informação permite-nos deduzir que a capela dos Mareantes seria, como a igreja, coberta de madeira. Após isso, foi objecto de uma intervenção difícil de especificar, como se depreende pela menção a uma demanda que em 1642 corria “... contra Gonçalo Francisco emmagynayro sobre aver de fazer he acabar ha obra do Santo Christo ...”¹⁹. Deste oficial pouco se sabe, para além de que era natural de S. Tiago de Rebordões e contratou a execução de um retábulo para a capela de Santa Luzia em Vila do Conde no ano de 1637 (BRANDÃO, 1984:256). Vítor Serrão avança também com a possibilidade de ser de sua autoria o retábulo de S. Brás, na igreja do convento de Nossa Senhora da Encarnação, igualmente em Vila do Conde (SERRÃO, 1992:361). Essas obras podem articular-se com uma operação de maior vulto, perceptível pela leitura da documentação da Misericórdia, que se terá iniciado pelos anos 1648 e se prolongou pela década de cinquenta; este âmbito cronológico adapta-se à informação, já referida, de que a capela fora remodelada em 1650.

¹⁵ AHME, nº 121, *Livro do recibo e outros apontamentos em 1633 até 1637*, fl. 50. Ver doc. 5.

¹⁶ AHME, nº 155, *Livro dos Acordaons e Eleeçoens...*, 1614, Janeiro 22, fl. 67. Na pintura do arco foram empregues óleos e tintas: “Gastou se olios e tintas para o arco da capela do Cristo...” (AHME, nº 119, *Livro de recibo e despesa 1611 até 1624*, Despesas de 1614-1615, fl. 60). MM. Costa refere a pintura do arco, adiantando ainda a despesa com óleos e tintas (COSTA, 2008:71). A obra não parece ter ficado a contento da Mesa, que deliberou, em Junho do mesmo ano: “...porquanto a capela do Christo e arquo estavam mal negoceado e mal asentado e mal composto se mandasse revocar de novamente por oficial que o fizesse bem...” (AHME, nº 155, *Livro dos Acordaons e Eleeçoens...*, 1614, Julho 27, fl. 69vº). Parte dos materiais foi comprada no Porto: “Item de olio e da mulher que foi ao Porto e tintas para o arco trezentos e corêta...340” (Idem, Despesas 1615-1616, fl. 63).

¹⁷ “Gastos que a mesa fez. Do frontal para o Cristo quatro mil cento e oitenta reis” (Idem, ibidem).

¹⁸ AHME, nº 155, *Livro dos Acordaons e Eleeçoens 1597-1676*, 1620, Outubro 18, fls. 103vº-104.

¹⁹ AHME, nº 136, *Livro dos Devedores por escritura....* 1642, Novembro 2, fls. 15-15vº.

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

Vimos que a Misericórdia possuía já uma bandeira, encomendada em 1596. Em 1643, contudo, por essa estar “mui danificada”, é confiada a execução de uma nova ao pintor Martim de Araújo, morador na vila, que a orçamentou em sete mil réis, descontando igual quantia do preço porque tinha feito, segundo afirmou, uma bandeira idêntica para a Misericórdia de Vila do Conde²⁰. É possível que Martim de Araújo tivesse sido também o responsável pela pintura das insígnias, ocorrida em 1631²¹. Estas, em número de quatro, seriam substituídas em 1721 por um conjunto novo, dado “serem muito pequenas e velhas” (COSTA, 1988:37-38)²². As antigas foram emolduradas, forradas com madeira e colocadas na sacristia (COSTA, 1988:38), onde ainda hoje se encontram. São pinturas com um acentuado tratamento tenebrista, que não deixam de lembrar a obra dos pintores do Porto, sobretudo Domingos Lourenço Pardo; representam o *Beijo de Judas*, o *Ecce Homo*, a *Flagelação* e a *Coroação de Espinhos* (ARAÚJO, 1995:77). Os pagamentos, que em meados do século XVII foram feitos a Martim de Araújo, não se referem apenas à pintura da bandeira; os dois mil réis por ele recebidos em 1648 devem ser relativos a uma outra obra²³, muito provavelmente executada na capela dos Mareantes.

É necessário avançar um pouco no tempo para melhor compreendermos a obra executada nessa capela. Em 1680 os confrades dirigiram ao monarca uma petição, solicitando que lhes fosse concedida a imposição dos vinhos para reparação da sua igreja “arruinada e abertaz as paredes” e para a “construção de huma cappela mayor de abobeda comrespondente a do sancto christo” (COSTA, 2009:72). Esta última, portanto, já não era a que em 1620 fora alteada: entre essa data e 1680 deve ter ocorrido o seu abobadamento em pedra; Martim de Araújo, por conseguinte, estaria associado a essa campanha de obras. Desse modo, em 1646 surge uma despesa relativa a pregadura para a capela²⁴; em 4 de Julho de 1652 realiza-se um cabido especial destinado a deliberar sobre a necessidade de acabar as obras na capela do “Santo Christo”, visto que António Fernandes Vieira, talvez o mestre que corria com elas, as tinha abandonado²⁵. Um mestre de pedraria chamado António Vieira, juntamente com Pantaleão Vieira e João da Rocha, contratou, em 1667, a construção de

²⁰ AHME, nº 136, *Livro dos Devedores por escritura...*, 1643, Novembro 19, fls. 20vº-21. Ver doc. 6.

²¹ Em 7 de Abril de 1631 foram gastos 6.800 réis nas insígnias; destes, 4.500 foram para o pintor (AHME, nº 120, *Livro da despesa e recibo desde 1624 e findo em 4 de Junho de 1633*, fl. 36).

²² AHME, nº 156, *Livro dos Acordãos* 1680, 1721, Fevereiro 15, fl. 66. Ver doc. 7.

²³ Diversos pagamentos ao pintor estão anotados, sendo o último em 8 de Março de 1648: “...Acharão mais que tinha dado ao pintor Martim de Araujo dous mil reis...” (AHME nº 136, *Livro dos Devedores por escritura...*, fl. 43vº). Antes deste termo indica-se, em 10 de Julho de 1645, um pagamento relativo à bandeira e “guarnições”: “...e outrosim se deve da bandeira nova ao pintor dous mil e quinhentos reis e das guarnições para ela que custarão cinco mil centos e cinquenta...” (Idem, fl. 26); em 26 de Fevereiro de 1646, menciona-se expressamente: “Tenho dado de trigo ao pintor a conta da sua divida des alqueires de trigo que elle vendeo que se montou em dinheiros dous mil e sento e vinte e sinquo. Ja esta pago de tudo” (Idem, fl. 29vº). A primeira paga deve portanto, referir-se a uma outra obra que não a bandeira.

²⁴ “...E acharão ter despendidos em provimentos aos pobres e gastos de pregos da capela do Santo Christo sinco mil seyscentos e cinquenta reis...” (AHME, nº 136, *Livro dos Devedores por escritura...*, 1646, Fevereiro 26, fl. 43vº).

²⁵ AHME nº 136, *Livro dos Devedores por escritura...*, 1652, Julho 4, fls. 81-81 vº. Ver doc. 8. A 7 de Julho, anotou-se no mesmo livro: “...e não se fala em trinta e seis alqueires de milho e senteo que se deu a Maria do Portto para sustento dos offisiais que trabalharão nas obras do Santo Christo...” (Idem, fl. 82).

uma sacristia nova na Misericórdia do Porto (BRANDÃO, 1984: 359), podendo tratar-se do mesmo. Nesse mesmo ano de 1652 regista-se a execução de tabernáculos, no altar do Santo Cristo e nos colaterais, que esteve a cargo de João Domingues²⁶.

Em 1655 há notícia da instituição de uma confraria das Almas, actualmente sedeadada na Matriz, com altar próprio na capela (SOUSA, 1980:219). O nome de Martim de Araújo, bem como de um “pintor de Viana” não especificado, são mencionados de novo em 15 de Julho de 1658, quando se acertam contas relativas à passagem de testemunho entre tesoureiros da confraria no fim do ano económico. É claro pela leitura desse texto que o pintor ainda trabalhava na capela e que esta tinha contabilidade própria:

*(...) Dos coais se dão em divida quinze mil reis que a Santa Casa emprestou a capela do Senhor que hainda os deve para pagar ao pintor de Viana com mais coatro mil reis que ha dita Santa Casa emprestou a dita capela do Senhor que se derão a Martim de Haraujo a custa da obra que pinta que ha tudo fas soma de dezanove mil reis que tantos se cobrarão do tesoureiro do Senhor e por estar presentes os oficiais novos ouveram estas contas por boas (...)*²⁷.

Mais tarde refere-se, num acórdão de 1686, que as obras da capela, então concluídas há anos, tinham sido financiadas pelos mareantes²⁸; as intervenções de manutenção, porém, prosseguiam, como a que ocorreu em 1680 num “cadro da capela do Senhor”²⁹.

A igreja

Esse ciclo de obras na igreja e capela parece ter sido rematado em 1667 com a decisão de reformar a obra de carpintaria do corpo da primeira, a cargo do mesmo João Domingues mencionado atrás³⁰. O contrato para essa reforma data de 31 de Dezembro de 1668, assi-

²⁶ “...Houitoseitos e houitenta reis he dos tabernaculos que se fizeram no altar do Santo Christo he nos colaterais que se deu a João Domingos pello fazer...” Idem, 1652, Novembro 10, s. n. fls.

²⁷ AHME, nº 122, *Livro do recibo e algumas despesas desde 14 de Dezembro de 1653 até 7 de Junho de 1664*, 1658, Julho 15, fl. 31. O padre Manuel Baptista de Sousa refere-se a esta despesa, embora não indique a sua origem documental (SOUSA, 1980: 219).

²⁸ “...E porque há anos que o deposito ou restante delle das esmolos que os senhores mareantes contribuirão para major ornato da capela do santo Christo sito dentro das portas desta Santa Casa, as quais esmolos já pararão por em tudo estar acabada a dita capela ...” (AHME, nº 156, *Livro dos Acordãos 1680*, 1686, Janeiro 20, fl. 11).

²⁹ “Item despendero o thezoureiro para os pintores que pintarão o fim de hum cadro da capela do senhor que estava aruinado e comçertaado em branco dous mil e quinhentos reis” (AHME, nº 123, *Livro da fabrica e despesas d’ella desde 4 de Agosto de 1670 até 8 de Julho de 1706*, despesas relativas ao ano económico de 1680, fl. 34).

³⁰ AHME, nº 122, *Livro do recibo e algumas despesas desde 14 de Dezembro de 1653 até 7 de Junho de 1664*, 1667, Janeiro 31, fl. 60. Ver doc. 9. Seguem-se, no mesmo livro, duas referências a pagamentos aos carpinteiros: a 3 de Julho de 1667, quando o provedor e irmãos tomam as contas do tesoureiro António Barbosa, afirmam: “... tiramos mais dous mil reis para dous vallos que se entregarão a Manoel Gomes carpinteiro para os comprar...” (Idem, fl. 63). Este Manuel Gomes foi também irmão da Misericórdia (Idem, ibidem); em 1668, quando das contas apresentadas pelo tesoureiro Domingos André ao seu sucessor Manuel Gomes – provavelmente o mestre carpinteiro referido - 20.000 réis tinham sido dados aos mestres carpinteiros João Domingues e Manuel Fernandes: “quando vierão a enmadeirar a Santa Casa da primeira vez como consta da sua paga que eles derão...” (Idem, Outubro 14 1668, fl. 68).

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

nado entre o provedor João Manuel Lisboa, restantes irmãos e João Domingues, designado mestre carpinteiro e morador em Perelhal, do termo de Esposende. O forro, apainelado, deveria ser idêntico ao da igreja do convento dos capuchos em Barcelos:

(...) Emmadeirara de novo todo ho corpo da igreja desta casa da Miziricordia de huma e grossa madeira de caibraria e ripage e forada de paineis quantos ha hobra pedir com seus rampantes tudo na forma que esta feita ha igreja dos Capuchos da villa de Barcellos (...) ³¹.

É, portanto, após a conclusão do forro da igreja que surge, em 1680, o já referido pedido endereçado ao monarca para que fosse concedida a imposição do vinho à confraria, tendo em vista a construção de uma nova capela-mor. Cremos que essa intervenção criou o espaço actual da igreja da Misericórdia de Esposende, com a abertura de novos altares colaterais e a construção do novo santuário, profundo em relação às dimensões da nave e coberto com abóbada de caixotões em pedra (fig. 4). Segundo a periodização organizada por Rafael Moreira para as igrejas da confraria, o novo templo incluir-se-ia numa época “clássica”, que abrange o século XVII (MOREIRA, 2000:157-159).



Fig. 4: Nave e capela-mor da igreja, com o púlpito e os altares colaterais (fotografia de Sofia Martins).

³¹ Arquivo Distrital de Braga, Notarial de Esposende, nº 184, 1667, Dezembro 31, s. n. fl. O ano de 1667 referido no documento é, na verdade, o de 1668, porque, na época, o ano terminava no dia de Natal, 25 de Dezembro.

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

Para essa obra foram consultados dois especialistas: o arquitecto João da Costa, de Vila do Conde, e o também arquitecto Pedro Machado³². A obra, porém, seria arrematada pelo “mestre arquitecto” João Martins, morador na freguesia de Cossourado, termo de Barcelos, que em 2 de Fevereiro de 1681 se obrigou a executá-la, “na forma dos apontamentos que tinha feito”, em preço de quatrocentos e oito mil réis³³. Eduardo Pires de Oliveira fala-nos sobre esse João Martins, “Mestre de arquitectura de pedraria”, natural de Souto, Cossourado, termo de Barcelos. Em 1729, de parceria com João Lourenço, arrematou a casa de Bartolomeu Pinto de Sousa, em Lamego. Com o mesmo mestre e ainda com os beirões António Mendes e Manuel Monteiro lavrou escritura de sociedade em 1740. Em 1744 contratou, com José Ribeiro Álvares, João da Costa Coelho e o beirão João Fernandes Ribeiro, a obra da igreja do convento de Macieira do Dão (OLIVEIRA, 2003: 314). O mesmo João Martins arrematou em 6 de Abril de 1711, com Manuel Martins e Francisco João, também da freguesia de Cossourado, a obra do hospital de Barcelos, no valor de trezentos mil reis (AFONSO, 2012: 59)³⁴.

A obra de João Martins na igreja da Misericórdia esposendense não decorreria sem contratempos, mais uma vez devidos à falta de verbas. Como se refere num acórdão de 1682, o provedor e irmãos obrigaram-se a conceder um empréstimo para elas³⁵ e, visto a quantia obtida não ter sido suficiente, foi pedido também o concurso dos mestres dos navios³⁶. Em 1685, a 24 de Junho, o provedor e irmãos dão quitação a João Martins, por “acharem a obra perfeita e acabada na forma dos ditos apontamentos que lhe apresentara”³⁷.

Concluída a obra da capela-mor e mais alguma que João Martins empreendera: “...alem da obra que estava nos ditos apontamentos se lhe dera mais obra ao dito mestre por conhecimentos...”³⁸, era chegada a altura de proceder à execução de novos retábulos e da respectiva imaginária; com efeito, até essa intervenção, os altares do Cristo e da Senhora da Misericórdia, este o altar-mor, devem ter sido os dois únicos existentes na igreja³⁹.

No ano de 1694, a 21 de Julho, um acórdão alude ao painel do retábulo-mor e à pouca qualidade da execução da cena da Misericórdia, deliberando-se que o mestre João Barbosa, da cidade de Braga, corrigisse essas imperfeições e executasse a obra conforme “os

³² “Deu se ao arquitecto João da Costa de Villa do Conde por vir ver a obra e dar os moldes de como se ha de fazer a capela novecentos reis. Deu se ao arquitecto Pero Machado de vir ver a obra da Santa Casa que se pretende fazer mil reis” (AHME, nº 123, *Livro da fabrica e despesas d’ella desde 4 de Agosto de 1670 até 8 de Julho de 1706*, despesas relativas ao ano de 1680, fl. 30).

³³ ADB, Notarial de Esposende, nº 196, 1681, Fevereiro 2, fl. 65.

³⁴ Eduardo Pires de Oliveira refere este contrato (OLIVEIRA, 2003:314).

³⁵ AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos 1680, 1682*, Julho 30, fl.9. Ver doc. 10.

³⁶ Idem, 1684, Janeiro 24, fl. 16.

³⁷ ADB, Notarial de Esposende, nº 200, 1685, Junho 4, fls. 61 e ss. Referido por Eduardo Pires de Oliveira (OLIVEIRA, 2003: 314).

³⁸ ADB, nº 200, Notarial de Esposende, 1685, Junho 4, fl. 61vº.

³⁹ Em 1629, num inventário do mobiliário litúrgico da igreja, refere-se, entre as peças: “e mais quatro toalhas dos altares duas grandes do altar de Nossa Senhora e outras duas mais pequenas do altar do Christo...” (AHME, nº 120, *Livro da despesa e recibo desde 1624 e findo em 4 de Junho de 1633, 1629*, Julho 9, fl. 25vº.)

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

apontamentos⁴⁰. No museu da confraria conservam-se ainda duas figuras de vulto em madeira representando a *Visitação*; no acórdão mencionado, indica-se que um conjunto idêntico não estava ainda inserido no retábulo. É possível que o grupo da sacristia seja o mesmo que foi esculpido por João Barbosa em 1694; ele também teria razões para ser recusado, visto que a Virgem se representou de cabelos descobertos, o que era iconograficamente impróprio. Alguns meses depois, o assunto é de novo tratado em reunião do cabido, solicitando-se ao autor do retábulo, o entalhador Damião da Costa e Figueiredo, também de Braga: "... para que entregasse os apontamentos e risco para se louvarem a vista delle sobre a obra de imaginario por não estar conforme..."⁴¹. Num dos livros de despesas da confraria, sob o título de "Despesa da renda imposiçam que Sua Magestade concedeo para as obras da Santa Casa da Misericordia desta vila" constam os pagamentos a Damião da Costa e João Barbosa; por eles ficamos a saber que o primeiro foi também responsável pelas madeiras do coro e púlpito e do livro consta ainda uma verba relativa às vidraças, encomendadas em Braga a José Ferreira⁴².

Damião da Costa Figueiredo é mencionado por Robert Smith a propósito da autoria do retábulo-mor da igreja do mosteiro de S. Bento da Vitória, no Porto, de cerca de 1704. Segundo Smith, esse monumental retábulo seria muito semelhante ao da igreja do mosteiro de Moreira da Maia, que um anónimo atribui a Damião da Costa (Figueiredo), que teria feito a sua aprendizagem de entalhador no mosteiro da Batalha "...e depois de fazer esta (tribuna) fez muitos nesta Província...". Smith, baseado nessa informação, aventa a hipótese de Damião da Costa poder ser o responsável pela difusão do estilo "nacional" no Norte do País (SMITH, 1963:75). Pinho Brandão, contudo, não concorda com essa atribuição do manuscrito, afirmando tratar-se de uma confusão, em que se citou Damião da Costa em vez de Jerónimo da Costa, imaginário de Serzedelo que contratou a execução desse retábulo em 1676, contrato esse que publica. Conclui, porém, que a questão estava ainda em aberto (BRANDÃO, 1985: 432-439). O certo é que Damião da Costa, que se intitulava arquitecto, escultor e imaginário, para além do retábulo da Misericórdia de Esposende foi também responsável pelo da Misericórdia de Barcelos, contratado em 1685 (AFONSO, 2011:95, 106-107) e desenhou o da igreja matriz esposendense⁴³ e os de Santa Clara de Amarante (1692) e da

⁴⁰ AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos 1680*, 1694, Julho 21, fls. 14vº-15. Ver doc. 11. João Barbosa, morador em Braga na rua de Trás os Açougues, morreu a 16 de Setembro de 1695, sendo então viúvo de Cristina da Cunha, que tinha falecido em 18 de Novembro de 1694 (FREITAS, 1951:168).

⁴¹ AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos 1680*, 1694, Dezembro 14, fls. 15-15vº. Ver doc. 12.

⁴² AHME, nº 124, *Livro onde se achão descritos os legados para as missas e de outras despesas desde 2 de Julho de 1706 até 9 de Agosto de 1775*, fls. 2-2vº. Ver doc. 13.

⁴³ ADB, Notarial de Esposende, nº 206, 1694, Julho 31, fls. 74 e ss: "Contracto e obrigação entre Damião da Costa e Amaro da Gram com os moradores deste povo sobre a obra da tribuna da igreja do altar mayor". Damião da Costa, morador em Braga, é designado «mestre de architectura que faz retabollos» Amaro da Grã, também morador na cidade dos arcebispos, como mestre escultor. O primeiro deveria executar hum "retabollo todo tralhado e nele uma tribuna como mostra a planta do rascunho e petipe della (...) apenso os apontamentos que com a planta anda junto e tambem um rascunho que mostra o respaldo das costas da tribuna e também a planta do rascunho do altar levadiço e o rascunho do resplendor", recebendo por isso 120.000 réis. O segundo ficou responsável pelas esculturas que aí seriam colocadas, no valor de 60.000 mil réis. Amaro da Grã, contudo, não cumpriu com a sua parte do contrato, não entregando as esculturas até à data estipulada (Agosto de 1695), sendo feito novo contrato para a escultura com Francisco de Campos, morador no Campo das Hortas da cidade

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

capela da Senhora das Neves, em Azurara (1697) (BRANDÃO, 1984:742-743 e 841-842). Em 17 de Maio de 1697, o mestre pintor de Guimarães Pedro Machado Gomes contratará o douramento do retábulo-mor, que tinha rematado por cento e dez mil réis⁴⁴. Sabe-se que Pedro Machado Gomes ajustou também em 1693 o douramento e pintura do retábulo e do forro da capela-mor da igreja de S. Vicente de Sousa (BRANDÃO, 1984:761-772).

Em 1702 ordena-se a pintura de brutesco na capela-mor, arco e frestas⁴⁵ e logo depois é referido que o altar de S. Gonçalo, já mencionado em 1697, era colateral, localizando-se no corpo da igreja⁴⁶. No final desse ano, ordena-se a construção de um retábulo para um altar colateral, não especificado, de que se encarregaria Manuel Fernandes, imaginário de Santa Maria de Forjães, termo de Barcelos, por preço de vinte e três mil réis⁴⁷. Mais tarde, em 22 de Janeiro de 1724, o mesmo Manuel Fernandes encarrega-se de dourar o altar da Senhora da Piedade:

*(...) Que por estar o altar de Nossa Senhora da Piedade feito de madeira queriam que logo se dourase e se preparasse e com efeito o deram a dourar a Manuel Fernandez de Creixomil termo de Barcellos e Francisco Machado desta villa pintores os quais mandaram chamar a dita mesa para o dourarem e labarem que tomaram em preço de trinta e sete mil reis (...)*⁴⁸

Os mesmos oficiais, Manuel Fernandes e Francisco Machado, encarregar-se-ão ainda de outros trabalhos de pintura na igreja:

*(...) Estava contratado com elle dito provedor e mais irmaons de pintar o arco do altar de Nossa Senhora da Piedade jaspeado como tambem de pintar o pulpito as grades de preto e a pedra de jaspe toda esta obra de obrigavam elle Manuel Fernandez e Francisco Machado de fazer por preço e quantia de tres mil e setecentos reis e de como asi acharam e assinaram (...)*⁴⁹

de Braga, em 17 de Novembro de 1695. A obra deveria estar concluída: "...até o tempo que o dito Damião da Costa assentar a sua dara tambem esta perfeita e acabada..." (Idem, nº 207, s.n.fl.). Os esposendenses, porém, ainda teriam que esperar pelo seu retábulo, visto que, ao que parece, Damião da Costa não concluiu o seu trabalho. Assim, em 2 de Maio de 1703, é assinado novo contrato, desta vez com o mestre entalhador Luís Carvalho, da freguesia de Requião, termo de Barcelos, para executar o retábulo e tribuna: "...de lhe fazer hum retabolo adonde se inclue huma tribuna tudo entalhado como mostra a planta do rascunho e petipe della que vai assignado tanto por elles outorgantes como pelo dito mestre que para tudo isto aponta os apontamentos que fes Damião da Costa e Amaro da Gram em caso que apareção sendo comedidos com a planta se seguira a forma delles e não aparecendo se seguira a forma da mesma forma da planta que esta feita e a tribuna desta planta tera mais de dous palmos de que antes hera de vão para tras e mais levava quatro colunas inteiras sem embargo de faserem duas na planta..." (Idem, nº 214, fls. 66-66vº).

⁴⁴ ADB, Notarial de Esposende, nº 206, 1696, Maio 17, fls. 219 e ss.

⁴⁵ AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos* 1680, 1702, Abril 17, fl. 20vº.

⁴⁶ AHME, nº 123, *Livro da fabrica e despesas d'ella desde 4 de Agosto de 1670 até 8 de Julho de 1706*, despesas de 1697, fl. 81vº: "Item despenseo para hũ carpinteiro de fazer o taburno para ho altar de São Gonsallo...". Sobre a sua localização, ver AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos* 1680, 1702, Julho 1, fl. 21vº.

⁴⁷ AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos* 1680, 1702, Dezembro 12, fl. 22vº.

⁴⁸ AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos* 1680, 1704, Janeiro 22, fl. 29vº.

⁴⁹ AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos* 1680, 1704, Fevereiro 16, fl. 30.

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

A imagem da Senhora da Piedade está hoje na capela-mor, num nicho-altar do lado do Evangelho. Em 1771-1772, volta a ser referida:

(...) Para o pintor de encarnar a jimagem do Senhor Ecce Homo e Nosa Senhora da Piedade e Senhor da Prasa face pees e mans do Senhor dos Passos des mil reis.

Para quem concertou a coroa do senhor Ecce Homo e os dedos do Senhor que esta nos braços da Senhora da Piedade e coroa quinhentoa reis (...)⁵⁰.

O Senhor da Praça, como já foi referido, é o Cristo da capela dos Mareantes: essa designação pode ter-se ficado a dever ao facto de estar axialmente colocado, frente à porta travessa da igreja, que abria para a praça municipal da vila. Essa invocação já estava em uso no século XVII, quando um patacho de Esposende se chamava “o Bom Jesus da Praça” (COSTA, 2009: 63). Se entre as igrejas de Misericórdia e o espaço público urbano existe uma fortíssima indexação, essa designação concede à relação um extraordinário suplemento de fluidez.

A esses retábulos e imagens deve-se ainda acrescentar o altar-mor, com a Virgem da Misericórdia, e o altar de São Gonçalo já referido, que é ainda mencionado em 1773⁵¹; por conseguinte, se a cada uma das imagens correspondesse um altar próprio, a igreja deveria ter seis. Em 1742, contudo, só é assinalada a existência de quatro⁵². As imagens que não tinham altar eram a do Senhor dos Passos e a do *Ecce Homo*; em 1754-1755, porém, dá-se notícia de um pagamento aos “pedreiros que abriram o lugar para a obra do Senhor dos Passos e a fizeram....”. Seguem-se várias despesas com essa obra e, finalmente: “Item para os carpinteiros que assentaram o retabolo do Senhor dos Passos altar e banquetta telhedar a torrinha e varios concertos coatro mil e cem reis...⁵³. Em 1758, quando do inquérito do padre Luís Cardoso, existiam na igreja cinco altares: Nossa Senhora da Misericórdia, Nossa Senhora da Piedade, São Gonçalo, Senhor dos Passos e o da capela do Bom Jesus com a imagem do Cristo Crucificado (LOSA, 1985:67-68 e 99-100). O *Ecce Homo*, por conseguinte, continuava sem altar e uma imagem que o representa encontra-se actualmente no museu anexo à sacristia. A imagem de São Gonçalo, por sua vez, seria substituída, no último quartel do século XVIII, pela da Senhora de Dores, que ainda hoje se venera no altar do corpo da igreja do lado da Epístola (COSTA, 2009:94). Num livro de despesas setecentista, consta

⁵⁰ AHME, nº 124, *Livro onde se achão descritos os legados para as missas e de outras despesas desde 2 de Julho de 1706 athe 9 de Agosto de 1775*, fl. 132, relativas ao ano económico de 1771-1772, sendo provedor Gaspar Vilas Boas.

⁵¹ “Item para tres pares de cortinas de damasco vermelho para o altar mor Sam Gonçallo e Senhora da Piedade com todos os aparelhos cento e trinta e cinco mil e quinhentos reis” (AHME, nº 124, *Livro onde se achão descritos os legados para as missas e de outras despesas desde 2 de Julho de 1706 athe 9 de Agosto de 1775*, fl. 136, despesas relativas ao ano económico de 1773-1774, sendo provedor André Homem de Faria.

⁵² AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos 1680, 1742, Agosto 26*, fl. 126.

⁵³ AHME nº 124, *Livro onde se achão descritos os legados para as missas e de outras despesas desde 2 de Julho de 1706 athe 9 de Agosto de 1775*, despesa de 1754-1755, sendo provedor o padre Manuel de Vilas Boas Pereira, fl. 100vº. M.M da Silva Costa refere a abertura do nicho, mas não indica a data em que ela correu nem a origem documental dessa informação (COSTA, 2009:88).

o seguinte apontamento: "Para a jimagem de Nossa Senhora das Dores breve e a quem a foi buscar a Braga nove mil setecentos reis"⁵⁴.

Um conjunto iconográfico diacrónico, mas coerente

A igreja da Misericórdia de Esposende foi intervencionada ainda no século XIX, conforme reza a inscrição da parede do lado da Epístola: as obras concluíram-se em 8 de Dezembro de 1893. O seu espaço interior, contudo, não foi muito alterado; para além da capela dos Mareantes, frente à porta travessa que abre na costã do lado da Epístola para a Praça do Município, alberga os seguintes retábulos: no corpo da igreja, do lado do Evangelho e entre o púlpito e a capela-mor, o altar do Senhor dos Passos, anteriormente da Senhora da Piedade; frente a este, o da Senhora das Dores, anteriormente de S. Gonçalo. Na capela-mor, do lado da Evangelho, o altar da Senhora da Piedade, anteriormente do Senhor dos Passos e, axialmente, o retábulo-mor com a Senhora da Misericórdia. Este último, embora transformado no século XIX, ainda mostra as arquivoltas, as colunas e as peanhas da obra original de Damião da Costa de Figueiredo; é, aliás, semelhante ao que o mesmo ensablador desenhou para a Igreja Matriz da vila, que mantém o dourado que na Misericórdia foi substituído pelo branco. A tela de enrolar, pintada com a *Mater Omnia*, é obra bem posterior ao retábulo de Damião da Costa.

Vimos que o altar do Senhor dos Passos foi executado no ano económico de 1754-1755. No local onde se localizava, que abre posteriormente para o vão da escadaria de pedra que acede ao campanário e ao primeiro piso, sobre a sacristia, onde se situa a sala do consistório, está hoje, como se referiu, a Senhora da Piedade. Segundo M.M. Costa, o nicho do Senhor dos Passos abria para o exterior, expondo-se à veneração dos pescadores que se dirigiam para a sua faina. Uns degraus, descobertos recentemente e soterrados debaixo da escadaria, provariam essa ideia. Ainda segundo o mesmo autor, essa veneração seria interrompida quando, em 1798, se construiu o campanário para o sino que ainda hoje existe (COSTA, 2099:88-89), o que poderá ter originado a troca com a Senhora da Piedade, até aí na nave. Existem, porém, referências à construção de um campanário anterior a essa data, provavelmente no lado esquerdo da fachada⁵⁵.

A talha do antigo nicho do Senhor dos Passos, hoje da Senhora da Piedade, feita de enrolamentos vegetalistas, é estilisticamente apropriada à época, meados do século XVIII, em que foi executada. Ainda na capela-mor, os dois anjos tocheiros barrocos são de proveniência

⁵⁴ AHME, nº 124, *Livro onde se achão descritos os legados para as missas e de outras despesas desde 2 de Julho de 1706 athe 9 de Agosto de 1775*, despesa do ano 1774-1775, fl. 139.

⁵⁵ No ano de 1758-1759 há despesas importantes com uma obra de pedreiro e carpinteiro no "torreom do sino" (AHME nº 124, *Livro onde se achão descritos os legados para as missas e de outras despesas desde 2 de Julho de 1706 athe 9 de Agosto de 1775*, fl. 11vº) que pode relacionar-se com a construção da escada por onde se acedia ao Senhor dos Passos, ao primeiro piso do consistório, sobre a sacristia, e ao campanário. Este último, porém, datava provavelmente da campanha do mestre João Martins, concluída em 1685, pois é feita então referência expressa a despesas com o "campanario do sino" (AHME, nº 123, *Livro da fabrica e despesas d'ella desde 4 de Agosto de 1670 até 8 de Julho de 1706*, fl. 47).

desconhecida. As frestas do lado do Evangelho, bem como o entablamento onde assentam os caixotões da abóbada, mostram vestígios de pintura, que poderá ter sido originalmente o “brutesco” que se mandou executar em 1702; um lambril de azulejos de padrão reveste as paredes laterais.

Na nave, os dois retábulos que originalmente foram da Senhora da Piedade e de S. Gonçalo são aparentados, embora o do lado da Epístola pareça um pouco mais antigo, com colunas-atalantes de rude e vigorosa execução que suportam a arquivolta única de um ainda incipiente “estilo nacional”; da obra de Damião da Costa resta ainda na nave o púlpito de balaústres, assente numa poderosa mísula vegetalista, já que o actual coro é muito posterior.

A capela dos Mareantes é o mais interessante e original conjunto da pequena igreja. Tem revestimento de talha dos séculos XVII (na sua maior parte) XVIII e XIX, o mais antigo com grotescos, ainda com motivo ornamentais “flamenguistas”, que deve ter sido a obra, pintada por Martim de Araújo e o “pintor de Viana”, referida nos livros de despesas. Na abóboda, os caixotões em madeira pintados em branco são ocupados pelas figuras em relvo, também de madeira, dos doze profetas messiânicos, agrupados em três grupos de quatro, cada um deles correspondendo a um anel de compartimentos. Do primeiro grupo, junto do arco da entrada, constam Oseias, Joel, Amós e Micheas (Miqueias). O segundo, central, é ocupado por Isaías, Nahum, Jeremias e Ezequiel; o terceiro, ao fundo, integra Daniel, Ageu, Zacarias e Malaquias. Cada um dos profetas ostenta na mão uma cartela flamenga em que se lê o seu nome e, sobe ela, um versículo das respectivas profecias. De formas compactas, com as vestes policromadas e douradas, os rostos barbudos rodeados por espessas cabeleiras negras, parecem originários de gravuras flamengas ou do norte da Europa e a sua execução é de qualidade díspar.

Com uma certa rispidez hirsuta dos profetas contrasta, na abside fundeira, a doçura do excelente Cristo Crucificado. Maneirista, de feições finas, delicadamente idealizadas e pronunciado alongamento das formas do corpo envolto por um cendal atentamente cinzelado, será um bom exemplo da qualidade da escultura que se praticava nas oficinas do Porto da época. Ela é quase desconhecida, por falta de exemplares sobreviventes, da história da arte portuguesa; a enorme competência de João da Fonseca poderá ajudar a fazer compreender melhor a figura do grande escultor, formado no Porto coetâneo, que foi Manuel Pereira. O crucifixo ergue-se contra um painel de madeira, relevada e policromada, em que se desenhou uma mandorla de raios, esculpidos em meio relevo, cercada por cabeças de anjos, alguns deles transportando os instrumentos da Paixão. A mandorla, os, raios, os anjos e o espaço em que se movem, marcado por pequenas ondulações da madeira, representam a Jerusalém Celeste; em plano inferior, parcialmente ocultas pela colocação de um altar posterior, talvez resultado já da intervenção dos finais do século XIX, depois de em 1773 se ter decidido o alteamento do primitivo, “...mais dous degraus do que esta

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

por se achar muito baixo e aquanhado visto ter aria para hiso e ficar mais vistoso...”⁵⁶, recortam-se as construções da Jerusalém terrestre de onde emerge o Crucificado.

Como já reparara o padre Manuel Baptista de Sousa, é notório que o Cristo não foi esculpido pelas mesmas mãos que lavraram as restantes imagens da capela (SOUSA, 1980:223); neste grupo inclui-se a *Mater Dolorosa*, ao seu lado esquerdo e, à direita, S. João Evangelista, esculpidos em vultos possantes. O seu carácter monumental e a expressividade torsa dos corpos e das mãos associa-os com a obra de Gonçalo Rodrigues, que desde pelo menos 1594 era escultor privativo do arcebispo D. Agostinho de Jesus⁵⁷, em colaboração, talvez, com o seu filho João Rodrigues, o Bicudo, e outros oficiais, como adianta Vítor Serrão (SERRÃO, 1998; 160-161). O painel do fundo, em forma de abside, foi, já em época avançada do século XVIII, cortado lateralmente para aí se colocarem quatro nichos, rodeando o motivo central do Cristo e da Jerusalém Celeste, em que erguem, também em vulto, os sacerdotes do Antigo Testamento: à esquerda, em cima, David e, sob ele, Aarão; à direita, pela mesma ordem, Moisés e Melquisedeque.

Sobre os dois altares colaterais da capela abrigam-se, em dois nichos embutidos, painéis de madeira relevada e policromada, idênticos ao da abside. O do lado da Epístola representa o *Encontro de Jesus com a Pecadora Samaritana junto do Poço de Job* e, frente a ele, do lado do Evangelho, o *Encontro de Cristo com Zaqueu*. Neste, destaca-se em segundo plano um personagem, com um ceptro na mão, preparado para ser coroado; trata-se do Duque de Bragança D. João, em vias de se tornar o rei D. João IV, representação que confirma a cronologia atrás adiantada para a capela (fig.5). Este retábulo é um exemplo do surto nacionalista que atravessa a arte minhota da época e tem um dos seus mais conhecidos exemplos nos painéis do antigo retábulo da Colegiada de Guimarães que se conservam no Museu Alberto Sampaio.

⁵⁶ AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos 1680, 1734*, Abril 26, fl. 97vº.

⁵⁷ Activo entre 1577-1613, Gonçalo Rodrigues viveu e trabalhou em Braga como escultor privativo do arcebispo D. Agostinho de Jesus (Arquivo Distrital de Braga, *Índice do Cabido volume 1, nº 35, Lembrança das obras em que o arcebispo de Braga D. Frei Agostinho de Jesus despendeu o dinheiro do sinodático. Ano de 1594*, fl. 91).



Fig. 5: Painel do nicho do lado do Evangelho da Capela dos Mareantes, em que se vê, em segundo plano, a coroação do Duque de Bragança D. João (fotografia de José Ferrão Afonso).

Sobre os nichos que abrigam os painéis colaterais, vêem-se duas pinturas a óleo sobre madeira: a do lado direito representando a *Agonia do Horto*, a do lado esquerdo a *Queda a Caminho do Calvário*. Ambas integram um conjunto acrescentado, do lado da Epístola, pela *Flagelação* e a *Prisão* e, do lado do Evangelho pela *Coroação de Espinhos* e o *Ecce Homo*. As pinturas partilham do ambiente já penumbriado que se desenvolve na pintura portuense após a estadia de Diogo Teixeira na cidade, no início da década de 90 do século XVI. Pela análise *in situ*, cotejada com os dados fornecidos pela documentação, pode-se depreender que existiu uma primeira capela, para a qual João da Fonseca executaria o Cristo em 1599. As pinturas, segundo Maria Augusta de Sousa Araújo, seriam ligeiramente posteriores e atribuíveis a Domingos Lourenço Pardo, com uma cronologia entre os anos de 1615-1620 (ARAÚJO, 1995:77-78). Contudo, também se pode colocar a hipótese do seu autor ser

Francisco Correia, não só pela assinatura constante do contrato efectuado entre João da Fonseca e o provedor Jerónimo Dias, mas também por algumas características, como por exemplo o desenho dos rostos, o que as tornaria contemporâneas do Crucifixo. Em qualquer dos casos, os dois painéis mais próximos do altar, colocados sobre os nichos, tiveram de obrigatoriamente ser adaptados a eles. Igualmente coetâneas do Senhor, ou ligeiramente posteriores, deverão ser as duas imagens, da *Mater Dolorosa* e de São João, atribuíveis a Gonçalo Rodrigues.

Mais tarde, a capela, juntamente com a igreja, será alteada; o seu abobadamento, contudo, deve ter datado de uma campanha posterior. Desse modo, os painéis em relevo da abside e dos nichos laterais, os profetas nos caixotões e a talha terão sido colocados após a execução da abóbada. Não é impossível que a sua autoria se deva ao imaginário Gonçalo Francisco, apesar do seu litígio com a confraria em 1642; quanto à obra de arquitectura, poder-se-á atribuir ao mestre António Fernandes Vieira. Martim de Araújo e o desconhecido pintor de Viana devem ter tido a seu cargo a sua policromia e, também, muito provavelmente, o douramento. Assumidamente oitocentistas são os lambris de azulejos relevados azuis e brancos que revestem lateralmente as paredes da capela: eles devem datar já da intervenção concluída em 1893.

Conclusão

A igreja da Misericórdia de Esposende não foi um projecto unitário: a sua planta definitiva resultou de um conjunto de intervenções que se processaram até os finais do século XVIII. A iconografia dos altares é, contudo, aparentada à das suas congéneres; o elemento estranho era a imagem de S. Gonçalo, que seria retirada nos finais do século XVIII. Destaca-se, no conjunto, a capela dos Mareantes, que, como a igreja, se foi organizando iconograficamente, desde os finais do século XVI até Setecentos; o objectivo, como noutras igrejas da Misericórdia, foi conseguir-se uma arte total, incluindo, pintura, escultura, imaginária e talha, ao serviço da representação de um dos temas favoritos da confraria, a Paixão de Cristo.

Apêndice documental

Doc. 1

Despesas relativas à execução da bandeira

AHME, nº 120, *Livro da despesa e recibo desde 1624 e findo em 4 de Junho de 1633*, fl. 51 vº).

“Loguo ficou encarreguado ao padre Hieronimo Dias escrivão que então servia que aracadase estes votos e correse cõ o fazer da bandeira, a qual se mandou fazer em Bragua a Francisco Soares pintor e veo no anno de 97 sendo provedor o padre Hironimo Dias en dia da Misericordia

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

Fes de custo o seguinte

Item ao pintor por pintar a bandeira sete mil reis 7000

Item de pano para a bandeira quinhentos reis 0500

Item dos ferros trezentos e trinta 0330

Item de frãja trezentos e vinte 0320

Item de cordão de retros cem reis 0100

Item de hũa haste e hũa cruz quatrocentos e sincoenta 0450

Que tudo soma oito mil e novecentos e sesenta reis e por tudo passar na verdade fes este por mim assinado. Mes de Outubro ano ut supra.

Hieronimo Dias”.

Doc. 2

Acórdão sobre o retábulo-mor.

AHME, *Accordaons e Eleeiçoens 1597-1676*, 1601, Maço 4, s.n.fl.

“Aos 4 de Março de 601 se fes cabido nesta Santa Caza da Miziricordia desta villa d’Espozende e se apreseñtou hũa quarta do maginairo Balltaza Moreira morador na villa de Viana eñ que dizia que queria fazer o retabollo que nesta caza estava detremynado a se fazer por preso de 14500 e porquanto nos tinhamos enformados não no (*sic*) aver quem o fizese cõ a perfeição que delle esperamos por menos este preso ordenaro que se dese ao dito Balltazar Moreira pello dito preso e por asi nos parecer bẽ de o elle fazer por não acharmos outro mais barato lho demos e ĩcareguamos ao provedor Gironimo Dias fosse fazer cõ elle obriguasão e por se pasar todo na verdade fizero este por nos asinado eu Antonio Doniz que o escrevi na azẽsia do escrivão Matias Lois dia e mes e ano asima declarado.

O provedor Hironimo Dias

Gaspar Gonçalvez (...)”.

Doc. 3

Acórdão sobre o forrar da igreja

AHME, *Accordaons e Eleeiçoens 1597-1676*, 1613, Março 17, fl. 61vº.

“Aos desasete dias do mes de Março de mil e seiscentos e treze anos na caza do cõsistorio da Santa Misericordia por estar ja acordado cõforme os termos atras escritos se dese o foro da igreja desta Misericordia pelo que foro chamados os ofisiai (*sic*) para que aquele que mais barato o fizese se dese por Francisco Gonçalvez mestre natural (*sic*) o fazer mais barato se lhe deu o qual se obrigou por este a forar a dita caza de emguado na forma que esta o terso sobre o altar da Senhora e mudar o terso que esta feito para sima do coro ou para onde

milhor nos pareser cõ seus caibaros e mais prefeisois que aqui am por expresas como fique a guosto do provedor e mais hirmãos isto so de mãos que a madeira dara provedor e mais hirmãos ysto por preso de sinco mil reis a qual obra se obrigou a fazer ate quinze de Maio dando deus tempo para abrir a dita obra e loguo resebeo ao fazer deste mil reis ã pagua e sinal e por hum e outros asi o detriminar e serem cõtentes e se obrigarõ ao cõprirem como dito e mandaro a m̃ Duarte Toscano escrivam da meza que este fizese o qual fiz dia (fl. 62) e mes asima declarado e assinarão e o asinarõ comigo escrivão. Duarte Toscano O provedor Hieronimo Dias (...)."

Doc. 4

Acórdão sobre o dinheiro deixado por Gaspar Dias, destinado a uma imagem de Cristo

AHME, nº 155, *Livro dos Acordaons e Eleeiçoens 1597-1676*, s.n. fl. Referido em COSTA, 2009: 14.

"Aos des dias do mes de Janeiro de 99 anos estando em meza em cabido o provedor e mais jrmãos abaixo asinados ordenarão e treminarão porquanto estava hum escrito no tezouro em que se prometeo por parte de Gaspar Dias des mil reis a esta caza ou hũa pessa que os valesse e o dito Gaspar Dias declarar ser sua devasão querer dar este dinheiro para hũa imagem de Christo pedirem alguns votos polos irmãos pera ajuda desta jmaiem e prepa-ramento da capela os quais votos vão assentados em ho livro que serve de se assentarem as obras da caza as sinquo folhas e de tudo mandarão fazer este termo aonde assinarão e eu Pero Bello Pereira escrivão da caza o fis.

Pero Bello Pereira

Hieronomo Dias (...)."

Doc. 5

Contrato entre o provedor Jerónimo Dias e o imaginário João da Fonseca para a escultura da imagem do Cristo Crucificado e despesas relativas à sua execução e transporte.

AHME, nº 121, *Livro do recibo e outros apontamentos em 1633 até 1637*, fl. 49.

"Diguo eu João da Fonsequa maginario morador nos Quanos desta cidade do Porto que he verdade que eu me cõcertei cõ ho padre Jeronjmo Dias morador na villa d'Esposende para lhe fazer hũa Jmagem de hũm Cristo crocificado de tamanyo de oito palmos cõprida e aquabada ã preço de omze mjll reis – 11000 reis a quoall jmaje darei feita a tempo que se posa pimitar para servir nas endoenças deste presente ano de 99 anos e loguo em quomeço de paga recebi a boa cõta dez cruzados – 4000 reis e a demasia que falltão para os 11000

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

reis me darão no qua diguo semdo a dita jmajem aquabada e me hobriguo eu João da Fonseca que não sendo a dita imagem a sua vomtade a lhe tornar seu sinall sem mais ser ouvido nẽ citado para o dito cõtrato e hobriguação e asy eu João da Fonseca quomo elle padre Jeonymo Dias nos hobrigamos a cõprir este asinado e queremos que valha quomo se fose escritura publica e quoaquer de nos renociamos joiz e joizes de noso foro e outra quoaquer liberdade a que nos posamos chamar e respomder diãte as justisas desta cidade para o que hambos hobriguamos nosas pessoas bẽns moveis avidos e tudo cõprir e não me dãodo a dita jmajem no tempo acima declarado me tornara meu dinheiro cõ has cllausullas acima declaradas. Feito hoje treze dias de Fevereiro da dita hera acima. Testemunhas (fl. 49v^o) que presentes estavam ao fazer deste ho padre Pantallião Francisco e Francisco Correa e Manoell Soares e eu Jorge Vieira (...) ⁵⁸ de ouro morador nesta cidade do Porto (...) ⁵⁹ fiz a rogo de ambas partes e assinei como testemunha.

Jorge Vieira

Joam da Fonseca

Francisco Corea

Pantalião Francisco

Hieronimo Dias

Manuell Soares.

(fl. 50)

Item fese a imagem do Christo no Porto por Joam Ferreira da Fonseca foi pintada na mesma cidade por Pedro de Oliveira

Veio a imagem do Christo para esta caza aos seis dias do mes de Abril de mil e quinhentos e noventa e nove annos e se fes de gasto o seguinte

Item ao jmaginario (...) ⁶⁰ o fazer onze mil reis

Item ao jmaginario de pintansa seiscentos e des

Item da Crus quinhentos e corenta reis

Item dos cravos para cruz quinhentos reis

Item de huma caixa para vir o Christo mil reis

Item ao pintor de o pintar dous mil e setecentos reis

Item da cavalgadura que trouxe o Christo seiscentos reis

Item de quem trouxe a cruz por não poder vir tudo cento e oitenta

⁵⁸ Ilegível, documento deteriorado.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Ilegível, palavra rasurada.

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

Item de quando forão dar o Christo e de quando o forão dar a pintar trezentos e corenta e quatro reis

Item de quem foi buscar o Christo de seu gasto e de quem o ajudou e papel e outras cousas que se comprarão para vir seguro o Christo quatrocentos e setenta e dous reis”.

Doc. 6

Acórdão sobre a nova bandeira

AHME, nº 136, *Livro dos Devedores por escriptura (...) 1646, 1643, Novembro 19, fl. 20vº*

“Aos vinte he nove de Novembro de seiscentos he corenta he tres anos estamdo em meza o provedor he mais irmãos desta caza da Samta Miziricordia tomaro contas ao tezeiro Francisco Lois Moreno he acharo ser remido ate hoie segundo parese dos iteis atras tres mil sento he trinta he sinco reis he hachou se ter de despeza segundo parese em duas livras de sera he das misas que tem hobrigasão de mandar dizer esta santa caza em cada hũ ano por os bemfeitores dela he outras depezas meudas tres mil he sento he tres reis que abatidos de tres mil he sento he trinta he sinco reis resta ha dever a caza trinta he dous reis he por a bamdeira da Santa Mizircordia estar ia mui danificada porpos ho provedor de como era nesesario fazerse outra que sirvise pera a porsisão dos Santos Pasos he pera ho enteramento dos irmãos do sento he suas mulheres somente coando Deus os levar desta vida prezente he que queremdo algũa pessoa que não seja irmão enterar se cõ hella que não haia de sair haho emteramento se não derem sinsco tostois de esmolla he por todos os irmãos virem nisso oredenaro se vendesem vinte alqueires de trigo do que ha na caza pera se poder dar ao pintor he logo o mandaro chamar para a meza Martim de Arahugo ho qual veio em ha fazer em sete mil reis he que outros sete porque mais fez a de Vila do Conde que vem a ser catorze (fl. 21) helle os perdoaria he ha queria fazer por ser morador nesta villa he hos dava de esmola cõ declarasão que ho aseitase por irmão desta Santa Caza he por todos virem niso assim provedor he irmãos com ho dito pimtör he de como tomaro as comtas neste termo atras declarado asinaro aqui he heu Gregorio Barboza escrivão da danta caza ho escrevi. Gregorio Barboza

O provedor Domingos Tavares d’Araujo

Francisco Luis Moreno

Guaspar Pires (...).”

Doc. 7

Acórdão sobre as novas insígnias.

AHME, nº 156, *Livro dos Acordãos 1680, 1721, Fevereiro 15, fl. 66. Referido em COSTA, 1988;37-38.*

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

“Aos quinze dias do mes de Fevereiro do anno de mil setecentos e vinte e hum anos nesta villa de Esposende e caza do cabido da Mizeircordia della onde estava o reverendo provedor e mais deputados da meza ahy acordarão que visto ter se mandado fazer seis insignias novas para servirem nas procisoens de Passos e quinta feira mayor na procissão de noite como esta casa he obrigada fazer pello compromisso como consta do acordão atras folhas sessenta e tres, e achar se que as ditas seis insignias que andão fazendo não incluem nem contem todos os passo da paixão de Christo Senhor Nosso acordarão se mandasse fazer logo mais hũa insinia para que sendo sette figurassem os sette pasos estas sette bandeiras em cujas pinturas que são quatorze paineis ficassem exprimidos e debuxados os sette pasos principais da jornada de Christo Nosso com a cruz ao hombro e tambem os principais pasos de sua sagrada paixão que soffreo na noite antes do dia de morer e porque acharão os ditos deputados e provedor ser conveniente para perfeição da obra se fizesse mais hua insinia resolverão se mandasse fazer pello mesmo official com as figuras que apontar o reverendo provedor e de como assim diserão e acordarão se fes este termo que asignarão comigo provedor que este fis pello impedimento da enfermidade que padece o escrivão da caza Francisco da Costa Lago: dia mes e anno ut supra.

Manoel Barboza Vogado

O Provedor Manoel Monteiro e Moraes (...).”

Doc. 8

Acórdão sobre a urgência de se concluírem as obras na capela do Santo Cristo

AHME nº 136, *Livro dos Devedores por escriptura* (...) 1646, 1652, Julho 4, fl. 81.

“Aos quatro dias do mes de Julho de mil e seiscentos e simcoenta e dous annos estamdo em mesa o provedor e mais yrmãos da messa abaixo assinados asim novos como velhos os quais asim novos como velhos vierão a faser cabido sobre as obras que se fasem na capela do Santo Christo desta Santa Casa e porcamto Antonio Fernandez Vieira estando trabalhando os offisiais trabalhando na dita obra disse se queria hir porque não tinha dinheiro pera pagar aos ofissiais totalmente digo e os officiais se querião hir por lhe não pagarem ao que acudio o provedor e mais jrmãos e lhe requirio ao dito Antonio Fernandez tratasse de acabar a obra conforme a sentensa da suppiliquasão e o mandou notificar por hũ despacho do juis ordinario desta villa a que o fisesse e disse elle provedor e mais yrmãos aos offissiais que se não fossem e trabalhasem na dita obra athe se mandarem coraselhar (sic) com a semtemssa que contra elle ouverão e que elle (fl. 81vº) des os catro deste presente the antão lhe pagarião os jornais a comta da Samta Casa de que mandarão fasser este termo dia mes e anno ut supra. E loguo apareseo em messa o reverendo padre Bertholameu Ribeiro Villas Boas o ququal com muita humildade pidio a elle provedor e mais yrmãos o aseitasem por hirmão desta Samta Casa e que de emtrada se obrigava a disser a cappella este anno de seissemptos e simcoemta e dous the o de simcoemta e tres de grassa o que visto por elle

provedor e mais jrmãos e achando nelle as parttes requisittas ho aseittarão e mandarão fazer este termo em que se asignarão eu padre Paullo Monteiro escrivão da Samta Casa o escrivi dia mes e anno ut supra

O provedor Manuel Martinz Vilas Boas (...)."

Doc. 9

Acórdão relativo à obra de carpintaria da igreja

AHME, nº 122, *Livro do recibo e algumas despesas desde 14 de Dezembro de 1653 até 7 de Junho de 1664*, 1667, Janeiro 31, fl. 60.

"Aos trinta e hũ de Janeiro de 1667 estando o provedor en mesa e os mais irmãos acordarão se concertase a casa que estava para cair e logo decidirão chamar João Domingues carpinteiro de Prelhal e afeitoarão com ele de asnaria e paineis em preso de noventa mil reis a qual escritura fes Manuel Machado escrivão desta villa e loguo ao fazer da escritura lhe derão ao dito carpinteiro trimta mil reis pera os cais deu Antonio Andre tesoureiro do Sancto Christo desasete mil reis que o dito deposito devia a esta casa e João Manuel por ora provedor nove mil reis que tinha em sua mão como consta dos termos atras e os coatro que faltão deu os o tesoureiro Antonio Barbosa que se levarão em conta nas primeiras que ele tivera. He eu Francisco de Villas Boas escrivão ho escrevi.

O Provedor João Manuel Lisboa (...)."

Doc. 10

Acórdão relativo a um empréstimo necessário para correr com as obras

AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos 1680*, fl.9

"Declaração do dinheiro que emprestarão o provedor e jrmãos a Santa Casa com obrigação de redito.

Aos trinta dias do mes de Julho de mil seiscentos e outenta e dous anos estando em menza o provedor e irmãos desta Santa Caza acordarão o seguinte. A saber que as obras della se fação na forma da planta e apontamentos a qual planta esta em poder do mestre pedreiro João Martinz o qual assignou aqui de como a tinha e se obrigou a dar conta della quando lhe for pedida e outrosim que a Santa Casa não tinha de presente dinheiro para se continuar com as ditas obras que por essa causa estavam a risco de perderem se o que attendendo eram contentes que em quanto se não achava dinheiro a juro e não acrescía o das rendas quada hum emprestase para as ditas obras dez mil reis com condição que achando se o dinheiro a juro ou havendo das rendas seriam preferidos no pagamento sem embargo de qualquer falta que se considere e do dito emprestimo se fara verba de quada hum destintamente em hum livro que para iso esta dedicado assignado por quem recebe e

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

quem paga para que conste e não haja duvida e de como assim o houveram por bem e se obrigaram por suas pessoas e bens ao dito emprestimo com a mesma condiçãoo sem falta alguma e assignarão aqui de que mandaram fazer este termo. Eu João Fernandes Villas Boas escrivão da caza o subscrevi.

O provedor Manuel Caminha e Moraes

Joseph do Valle (...)”.

Doc. 11

Acórdão sobre o painel da Misericórdia

AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos 1680*, 1694, Julho 21, fl. 14vº

“Aos vinte e hum dias do mes de Julho de mil seiscentos e noventa e coatro annos estando em mesa eu escrivam e os irmaons da mesa que se acharam presentes e os maes do cento abaixo assignados que foram chamados para ver se estava a obra de jmaginario capas para se aceitar por todos o andarem dizendo não estava capas conforme os apontamentos e risco e se via claramente os defeitos que tinha os quaes (...) ⁶¹ mente disseram não estava a dita obra de imaginario emquanto ao painel excepto as imagens da visitaçam e dous anjos que estam por acomodar não estava o dito painel que bem a ser da Misericordia capas para a dita obra se meter que corese a mais de emtalhador athe ver se ella tinha algum erro sem se emcaixar o dito painel do meyo obra de imaginario e se mandasse noticia ao mestre João Barbosa da cidade de Braga o mandase buscar e viesse ou mandase obra que fosse conforme os appontamentos e disto e de como assim determinaram assignaram aqui e eu padre Sebastiam de Villas Boas secretario desta santa casa o escrevy e assignei.

Padre Sebastiam de Villas Boas (...)”.

Doc. 12

Novo acórdão sobre o painel da Misericórdia

AHME, nº 156, *Livro dos Acórdãos 1680*, 1694, Julho 21, fl. 15

“Aos quatorze dias do mes de Dezembro do anno de mil seiscentos e noventa e coatro annos nesta villa de Espozende cazas da Misericordia della aonde se costuma fazer cabido estando em meza o provedor escrivão e jrmãos da (fl. 15vº) mesa do sento que para o efeito de se decidir aquillo que convinha a ditta casa foram chamados que abaixo assignaram e disseram todos uniformemente propondo se lhe a desformidade das pedras das sepulturas da dita Santa Casa como tambem humas grades indecentes que estavam na capela do Bom Jesus que não eram capases para estarem na ditta capela e juntamente que tinham hum retabollo na capela maior que não estava conforme aos appontamentos e risco que era

⁶¹ Ilegível por o documento estar deteriorado.

necesario a vista do risco se louvarem para verem como se haviam de aver com o imaginario sobre a obra que tinha feito por parecer não estar como a planta. E acordaram todos que todos aquelles que tinham sepulturas na dita Santa Casa que chamavam suas sem pedra ou campa lhas pusessem por todo o mes de Janeiro proximo de noventa e cinco com penna de ficarem devolutas para a dita Santa Caza ainda que aos officiaes della estivessem compradas nan tendo titollo corrente e de se porem a custa da Sancta Casa para dellas fazer o que mais convier a utilidade della e que as grades que estavam na dita capela do Bom Jesus se tirassem fora por não serem capases para estar na ditta capela que estan no meo e fosse obrigado o entalhador Damiam da Costa de Braga que fizera o retabollo de talha para que entregasse os apontamentos e risco para se louvarem a vista delle sobre a obra de imaginario por não estar conforme se deu e de como assim o disseram hacordaram assignaram aqui. Eu o padre Sebastiam de Villas Boas escrivam desta sancta confrarias o escrevi.

Manuel Andre Morais (...)."

Doc. 13

Despesas com o vidraceiro José Ferreira, o entalhador Damião da Costa Figueiredo e o imaginário João Barbosa

AHMB, nº 124, *Livro onde se achão descritos os legados para as missas e de outras despesas desde 2 de Julho de 1706 athe 9 de Agosto de 1775*, fl. 2.

"Despesa da renda imposiçam que Sua Magestade concedeo para as obras da Santa Casa da Misericordia desta vila.

Começou a despesa no anno de 92.

Item dispendeo o padre Francisco Ferreira Asamor para o vidraceiro Joseph Ferreira da cidade de Braga trinta e sete mil e quinhentos que custaram as vidraças como consta de huma paga e escriptura 37.500

Item dispendeo mais o dito padre secretario da Santa Casa para o imaginario João Barbosa da cidade de Braga a conta da obra que tem tomado para as figuras do retabolo trinta mil reis como consta de huma paga que dado o sobredito temos 30.000

Item dispendeo o thesoureiro Manoel de Vilas Boas Paixam trinta mil reis para o entalhador Damiam da Costa e Figueiredo da cidade de Braga a conta das obras que tem tomado desta Santa Casa como consta de duas pagas que temos do sobredito 30.000

Item dispendeo o thesoureiro Manoel de Vilas Boas Paixam quinse mil reis para o entalhador Damiam da Costa e Figueiredo da cidade de Braga a conta das obras que tem tomado desta Santa Casa como consta de huma paga do sobredito 15.000

(fl. 2vº)

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

Item dispenseo mais o thesoureiro Antonio Rodriguez de Sa thesoureiro da Santa Casa para o entalhador Damiam da Costa desasete mil reis que se lhe entregaram em dezasete de Junho por conta da obra como consta da paga do sobredito 17.000

Item dispenseo mais o dito thesoureiro Antonio Rodriguez de Sa para o imaginario João Barbosa da cidade de Braga a conta da obra vinte e hum mil reis a conta da obra que tem tomado como consta da paga 21.000

Item dispenseo mais em vinte e hum de Julho o thesoureiro Antonio Rodriguez de Sa para o entalhador Damiam da Costa e Figueiredo da cidade de Braga catorze mil e coatrocentos e vinte reis a conta da obra 14.420

Item dispenseo mais o dito thesoureiro Antonio Rodriguez de Saa para o entalhador Damiam da Costa para o coro e pulpito vinte mil reis como consta da paga deles escripta por mam do dito entalhador 20.000

Item dispenseo mais o dito thesoureiro asima para o entalhador Damiam da Costa coatro mil e outocentos e sesenta reis como consta da paga delle 04860

Item dispenseo mais o dito thesoureiro Antonio Rodriguez de Saa para o entalhador Damiam da Costa coatro mil seiscentos e setenta e dous reis 04672

Item dispenseo mais por minha mam que eu entreguei ao dito Damiam da Costa entalhador da cidade de Braga eu o padre Sebastiam de Vilas Boas secretario desta casa dezouto mil e outocentos reis como consta da paga feita por mam do dito entalhador 18.800".

Bibliografia

AFONSO, José Ferrão. A igreja velha da Misericórdia de Barcelos: arquitectura, pintura, retabulística e artes decorativas. In: *Revista de Estudos de Conservação e Restauro*, nº 3, 2011, pp. 80-109.

ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O Pintor lisboeta Diogo Teixeira e o maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*. [Tese policopiada], 1 vol. Dissertação (mestrado em História da Arte) apresentada ao Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra 1995.

BARROS, João de. *Geographia d'entre Douro e Minho e Traz os Montes*. Porto: Tipografia Progresso de Domingos Augusto Silva, 1919. Colecção de manuscritos inéditos agora dados à estampa pela Biblioteca Pública Municipal do Porto, vol. V.

BASTO, Artur de Magalhães. *Apontamentos para um dicionário dos artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao XVIII*. Porto: Câmara Municipal, [s.d.].

BASTO, Artur de Magalhães. *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto: SCMP, 1999, vol. II.

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

BRANDÃO, Domingos de Pinho. *Obra de Talha Dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação I. Séculos XV a XVII*. Porto [s.n.], 1984

CASTRO, Marília João Pinheiro Martins de. *Os artistas, as oficinas e os métodos de trabalho dos imaginários do Porto "Filipino"* (Tese policopiada), 1 vol. Dissertação (doutoramento na especialidade de História da Arte) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra 2000.

COSTA, M.M. da Silva. *A Misericórdia de Esposende a Semana Santa: apontamentos subsidiários*. Esposende: Santa Casa da Misericórdia de Esposende, 1988

COSTA, MM da Silva. *Confraria de mareantes. Capela do Santo Cristo Igreja e governo da Misericórdia de Esposende*. Esposende: Jornal de Esposende, Sociedade Editora, Limitada, 2009

FONSECA, Teotónio. *Esposende e o seu Concelho*. Espozende: Livraria Espozendenense Editora, 1936

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. Artistas de Braga (1600-1730). In: *Bracara Augusta*, vol. III, fasc. 2 (19) Braga, 1951, pp. 166-175.

LOSA, António. *Terras de Esposende em 1758: segundo manuscrito da Torre do Tombo*. Separata do *Boletim Cultural de Esposende*. Esposende: Boletim Cultural de Esposende, 1985.

MOREIRA, Rafael. As Misericórdias: um património artístico da Humanidade. In *500 anos de Misericórdias portuguesas. Solidariedade de geração em geração*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos 500 anos das Misericórdias, 2000, pp. 134-164.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de. *Os alvares do rococó em Guimarães e outros estudos sobre o barroco e o rococó do Minho*. Braga: Edições APPADCM Distrital de Braga, 2003.

SÁ, Isabel dos Guimarães. As Misericórdias da Fundação à União Dinástica. In: *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. I. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, União das Misericórdias Portuguesas, 2002.

SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657*. (Tese policopiada), 2 vols. Dissertação (doutoramento em História da Arte) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1992, vol. 2.

SERRÃO Vítor. *André de Padilha e a pintura quinhentista entre o Minho e a Galiza*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998

SERRÃO, Vítor. O escultor maneirista Gonçalo Rodrigues e a sua actividade no Norte de Portugal. In: *Revista Museu*, nº 7, IV Série, 1998 p. 137-173.

SILVA, Francisco Ribeiro da. *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens e as instituições e o poder*. Porto: Arquivo Histórico/Câmara Municipal do Porto, 1988, vol. 1.

SMITH, Robert C. *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1962

**Notícias sobre a Igreja da Misericórdia de Esposende,
entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII.**

José Ferrão Afonso

SOARES, Franquelim Neiva. A primeira visitação de D. Frei Bartolomeu dos Mártires e as origens de Esposende. In *Actas do I Encontro sobre a história dominicana*. Separata de *Arquivo Histórico Português*, 2º vol. – Actas do 1º Encontro sobre história dominicana, Porto: Dominicanos, 1979, pp. 229-250.

SOARES, Franquelim Neiva. Paróquia e Vila de Esposende. Achega para os seus limites e decadência. In: *Boletim Cultural de Esposende*, 2ª Série, nº 1, 2007, pp. 65-126.

SOUSA, Padre Manuel Baptista de. *História religiosa da paróquia de Santa Maria dos Anjos. Vila de Esposende. vol. I, fasc. III. Capelas de Nosso Senhor dos Aflitos e Nosso Senhor dos Mareantes*. Esposende, 1980.

Currículo do Autor

José Ferrão Afonso: Professor Auxiliar da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto e investigador integrado do grupo de Arte e Património do CITAR, sendo também Bolseiro de Pós-doutoramento da FCT, pós-graduação em que este artigo se inclui.

É ainda licenciado em História, variante da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa, mestre em História variante da Arte pela mesma faculdade e doutorado em Teoria e história da arquitectura pela Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade Politécnica de Barcelona.

Contacto: JAFONSO@PORTO.UCP.PT